

ARQUITETURA DO LUGAR: O ESPAÇO COMO PRODUTOR DE SUBJETIVIDADE

PLACE ARCHITECTURE: SPACE AS A SUBJECTIVITY PRODUCER

Isabella Valino Teixeira de Bessa¹

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo analisar como a arquitetura influencia no processo de subjetividade do indivíduo, desde como esse se organiza dentro do espaço privativo como quando começa a se desenvolver a partir do rompimento de regras e do uso não programado do espaço social/compartilhado. Para tanto propõe-se analisar a diferença de *ver* o espaço e *viver* o espaço, visto que, viver o espaço é saber da possibilidade do encontro, das experiências, dos ritmos, dando sentido à ele até que o mesmo torne-se um “lugar”. Para tanto, **parte-se da questão:** *O espaço enquanto obra arquitetônica experienciada é capaz produzir subjetividade individual e coletiva?* Nossa hipótese é a de que quando compreendemos o espaço como possibilidade de experiências, damos a ele sentido de *lugar*, ou seja, produzindo assim singularidades capazes de proporcionar autenticidade nas relações estabelecidas tanto sociais, como também de pertencimento individuais. Metodologicamente, busca-se apoio teórico nos conceitos de Sujeito e Subjetividade (GONZALES REY, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Experiência. Subjetividade.

ABSTRACT: This article aims to analyze how architecture influences the process of subjectivity of the individual, from how it is organized within the private space as when it begins to develop from the breaking of rules and the unscheduled use of social / shared space. Therefore, it is proposed to analyze the difference of seeing space and living space, since living space is knowing the possibility of meeting, experiences, rhythms, giving meaning to it until it becomes a “place”. “ Therefore, we start from the question: Is space as an experienced architectural work capable of producing individual and collective subjectivity? Our hypothesis is that when we understand space as the possibility of experiences, we give it a sense of place, that is, producing singularities capable of providing authenticity in established relationships, both social and individual belonging. Methodologically, theoretical support is sought in the concepts of Subject and Subjectivity (GONZALES REY, 2005).

KEYWORDS: Space. Experience. Subjectivity.

¹ Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação na UNESP/Marília (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). Bacharela em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Votuporanga, São Paulo, Brasil. E-mail: isabella-vallino@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Compreender a multidimensionalidade da arquitetura enquanto arte, linguagem e lugar privilegiado dos afetos dentro do espaço habitado individual e coletivo pode nos ajudar a pensar como o processo de subjetivação se exterioriza.

O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. (PALLASMAA, 2017, p. 7 e 8).

Na medida em que a obra arquitetônica se torna um transito informacional essa contextualização gera a qualificação do espaço e sua identificação social, acontece uma relação entre objetos, edifícios, pessoas e processos.

Ocorre uma produção de pontos de vista quando um espaço é utilizado, visto que o mesmo é usufruído por mais de uma maneira e por diferentes pessoas e em tempos diferentes, ele torna-se um produtor de sentido, um espaço criado para criar.

Sabemos que o espaço gera a possibilidade do encontro e das experiências, precisamos então nos deixar afetar pelo que o ele nos proporciona e compreender que ele só existe e funciona em relação ao conjunto no qual esta situado, ou seja, não só com suas divisões e subdivisões, mas também por aqueles que a frequentam... Pelos sons, cheiros, sinais, pássaros, árvores e infinitas coisas.

Percepto é o processo de pensamento que não se tem exatidão, pois não se pode esperar descrever o que se sente, vê ou ouve, exatamente como se sente, vê ou ouve. As imagens fixam de modo instantâneo. Acaba sendo uma relação com o receptor e seu universo num momento de descoberta e encantamento. Deleuze nos esclarece em sua entrevista à Claire Parnet no Abecedário,

Há os conceitos, que são a invenção da Filosofia, e há o que podemos chamar de perceptos. Os perceptos fazem parte do mundo da arte. O que são os perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções. O que é que busca um homem de Letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente. Vou dar alguns exemplos. Há páginas de Tolstói que descrevem o que um pintor mal saberia descrever. Ou páginas de Tchekov que, de outra maneira, descrevem o calor da estepe. Há um grande complexo de sensações, pois há sensações visuais, auditivas e quase gustativas. Alguma coisa entra na boca. Eles tentam dar a este complexo de sensações uma independência radical em relação àquele que as sentiu. Tolstói também descreve atmosferas. As grandes páginas de Faulkner! Os grandes romancistas conseguem chegar a isso. Há um grande romancista americano que quase disse isso. Ele não é muito conhecido na França, e gosto muito dele. É Thomas Wolfe. Ele descreve o seguinte: 'Alguém sai de manhã, sente o ar fresco,

o cheiro de alguma coisa, de pão torrado, etc., um passarinho passa voando... Há um complexo de sensações. O que acontece quando morre aquele que sentiu tudo isso? Ou quando ele faz outra coisa? O que acontece? (DELEUZE, 1997)

A junção de juízo e percepto acabam por acarretar uma proposição de existência (visto que juízo é uma formação de uma proposição mental combinado com um “de acordo” ao pensamento em si referido) determinada pelo percepto (uma sucessão de imagens/sentimentos corridos) que ele interpreta e conclui. Ou seja, quando se torna válido o argumento daquilo que não se consegue explicar. No primeiro caso percebe-se, no segundo, inventa-se a percepção.

Relacionando todo o contexto inserido ao processo de construção do projeto de arquitetura, fica claro que quando o percepto é associado à contiguidade ocorre uma produção de ideias, ou seja, num ato projetual seria a explosão de sentimentos e possibilidades vista num terreno vago, já quando o juízo perceptivo é associado à contiguidade ocorre um raciocínio de lembrança de ideias, uma aproximação de experiências deslocadas no tempo, como quando no ato projetual inicia-se o desenho arquitetônico, limitando as experiências que anteriormente foram obtidas. Retorno à Deleuze,

E há um terceiro tipo de coisa e muito ligada às outras duas. É o que se deve chamar de afectos. Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível. (DELEUZE, 1997).

Viver o espaço cotidiano é descobrir no outro uma potência e no entorno uma possibilidade e não como uso programado e específico de determinado ambiente, mas olhar por um viés de que tudo isso se deu através do encontro e das experiências que foram nele obtidas.

GONZALES REY: GUATARRI E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O CAMPO DA SUBJETIVIDADE.

Guatarri, como o autor Gonzales Rey cita, foi um grande crítico das formas tradicionais de produção de conhecimento. Para Guatarri, “*a subjetividade é sempre uma produção social*” (REY, 2005, p.113), ou seja, precisamos ir contra a subjetividade maquínica para sermos capazes de produzir autenticidade de afeto nas relações sociais.

Precisamos produzir singularização, é justamente nesse processo que conseguirmos nos envergar para uma criação. Criando os próprios tipos de referências práticos e técnicos, não necessariamente dentro das relações sociais, mas também como nos relacionamos com a música, os objetos, as coisas dispostas no

entorno, gerando percepções e sensibilidades totalmente novas, pensemos dessa maneira nas micro-relações. Essas construções individuais proporcionam resistência dentro dos sistemas de servidão maquínica dos quais vivemos.

Entretanto o pensamento de Guatarri, como aponta o autor aponta o autor, não se reduz apenas a eliminação das formas de organização padronizadas, mas também compreende os sujeitos implicados dentro dela, assim ganha constante desenvolvimento nas formas processuais entre suas ações.

Relacionamos-nos com tudo a nossa volta, estabelecemos conexões que nos potencializam em nível singular, assim como com a arquitetura e o espaço em que habitamos. Foucault vai buscar em Vigiar e Punir (2002), a dominação dos corpos diante dos dispositivos disciplinares que estabelecem regras de controle. Essa vigilância contrai as paixões, os corpos, a aprendizagem e a vida, docilizando-os para que eles não pensem, não ajam, se não sob a ordem de alguém, alocando no corpo apenas a produtividade de ser submisso. Isso ocorre devido o poder disciplinar, no qual o adestramento dos corpos gera normativas de comportamento sobre os indivíduos.

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas [...] (FOUCAULT, 2005, p.143).

Nos espaços concebidos sob a ótica contemporânea, o ser agenciador tem total maestria dominante sobre as funções espaciais. Em outras palavras as funções definidas previamente inexistem e ficam a cargo da apropriação do usuário como gerador de potências de fluxo. Conforme Foucault,

Nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; [...] que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades. (FOUCAULT, 2005, p.125).

Ao apropriar-se do espaço, o habitante deixa rastros de subjetividade, compartilhando experiências a cada nova exposição do fora. Enquanto acumulador de potências o espaço busca se moldar através da relevância dos corpos que são agentes transitórios e, portanto, responsáveis por inferir na matéria e agenciar novos modos de sentir e desfrutar o espaço.

O que foi vivido esta segmentado espacialmente, é preciso atravessar, sair do eixo habitual e perder-se no emaranhado de percepções e afetos que o espaço proporciona. Propor ao corpo a reinvenção do espaço é “[...] abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições, limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações [...]” (DELEUZE, GUATARRI, 2008, p. 22).

Os espaços quando habitados constroem representações perceptivas e comunicantes, fazendo com que nossa visão se abra para além do espaço físico, tornando-o também sensorial.

ARQUITETURA DA EXPERIÊNCIA

Nada supera a obra arquitetônica desde sua principal função como: *a necessidade de proteção e convivência*, porém a outra função pouco encontrada que é a da possibilidade de pensar nela como meio de educar, pela relação na qual o sujeito estabelece com o prédio em que convive. Não apenas transmitindo informação, mas convivendo e se comunicando com o espaço que habita, para assim, nesse meio produzir conhecimento de si e do mundo.

Somos acostumados a ver uma arquitetura industrializada e padronizada, cinza e dura... Ao debruçarmos em uma arquitetura leve, com propostas diferentes nos chocamos, não acreditamos que possa dar certo. Essa arquitetura que conhecemos é enraizada da disciplinarização dos corpos em massa, onde obriga os corpos a compreenderem o espaço na maneira de praticar uma ação já estabelecida.

O espaço existencial e vivenciado estrutura-se na base dos significados, intenções e valores refletidos sobre ele por um indivíduo, seja de modo consciente, seja inconsciente; assim o espaço existencial possui uma característica única interpretada por meio da memória e da experiência do sujeito. (PALLASMAA, 2018, p. 23).

Parece natural essa forma de disciplinarização do corpo, entretanto há corpos desviantes que esses dispositivos não dão conta de captura. Debruçaremos sobre o pequeno trecho de Quintana, “O mais triste de um passarinho engaiolado é que ele se sente bem.” (QUINTANA, 2008, p. 91).

Um espaço que produz subjetividade.

Seja na escala da cidade ou na escala da casa, as edificações criadas pelo homem, além de serem exteriorizações e extensões das funções corporais humanas, também são extensões e projeções mentais; elas são exteriorizações de nossa imaginação, memória e capacidade de conceitualização. As cidades e as edificações, assim como outros objetos feitos pelo homem, estruturam nossas experiências existenciais e lhes conferem significados específicos. (PALLASMAA, 2013, p.119).

A tarefa então da arquitetura dentro do âmbito do educar, é abrir os espaços para as percepções exteriores, criando assim coletivamente um espaço onde todos possam interagir conforme suas necessidades e vontades, entendendo os corpos não como uma massa a ser padronizada, mas como um conjunto de singularidades.

A ARQUITETURA COMO SER-NO-MUNDO

Experiências tocantes com o espaço promovem significados e memórias que são capazes de alterar nossas percepções enraizadas, transformando-as em singularidades que servem de potência para nossa compreensão da vida, ou seja, essências que deixamos ao nosso redor são capazes de apresentar traços de nossa singularidade.

Há um relacionamento dinâmico especial entre os dois [nosso corpo e nossa casa], eles podem se fundir e oferecer um senso definitivo de conectividade, ou podem estar distantes um do outro, originando um senso de saudade, nostalgia e alienação. Nosso domicílio é o refúgio e a projeção de nosso corpo, memória e identidade pessoal. Estamos em constante diálogo e interação com o ambiente, a tal ponto que é impossível desconectar a imagem da identidade pessoal de seu contexto espacial e situacional. 'Sou o espaço onde estou', como diz o poeta Nöel Arnaud. (PALLASMAA, 2013, p.125).

Os olhos acabam se esquecendo de como eram as coisas, mas o corpo ainda lembra, nossa memória sensorial emergem fragmentos para dar contingência a nossa experiência atual. Projetamos significados e significações em tudo que encontramos, não falamos mais de sujeitos, mas de multiplicidades.

Compreendemos o espaço à medida que habitamos e o homem busca na arquitetura construir /materializar seus desejos, suas inquietações, sua identidade e ela nos proporciona uma descoberta de nós mesmos quando paramos para observar o que nos rodeia.

O conceito de *lugar* dentro da arquitetura apesar de pouco tempo estudado, tem conceituações ricas de grandes autores e de variados campos do conhecimento (como o do geógrafo Milton Santos e da professora Lucrecia Ferrara), entretanto buscamos aqui no autor Pallasmaa (2013)² uma contribuição na maneira como ele, arquiteto e educador manifesta as qualidades afetivas possíveis da arquitetura e dos lugares como identidade dos homens. Ou seja, essa inter-relação que estabelecemos com as coisas, objetos, cheiros, cores, texturas, sons, etc. são fragmentos que somam experiências do tempo vivido e que clamam, - intensificam -, e evocam percepções sensoriais singulares potentes.

Entretanto os lugares mudam com o tempo, porem as pessoas que habitam também; um mesmo lugar é experienciado de maneiras distintas e provoca reações e afetos distintos.

RESISTÊNCIA NO HABITAR

Quando habitamos um espaço, damos sentindo a ele, tornando-o um lar, um lugar onde imperceptivelmente organizamos nosso mundo. Se inverter-

² Juhani Pallasmaa é um arquiteto, crítico e professor de arquitetura finlandês.

mos nosso olhar podemos perceber que a casa não serve apenas de proteção para nosso corpo, mas também para nossas memórias, nossos sonhos e nossos afetos.

Habitar é exteriorizar nossa subjetividade, nosso “eu”. Segundo Pallasmaa (2013), hoje a arquitetura deixou de ter seu significado de moradia e celebração, pois pensamos apenas num mundo materialista e estético:

Ao sermos tocados pelo estranhamento somos forçados a declinar de hábitos convencionados em busca de outros horizontes perceptivos. Pelos agenciamentos dos *afectos*, somos constantemente desterritorializados, isso significa que, os signos que circulam por nossos corpos enviando informações são os mesmos que nos ajudam a formular outros questionamentos, tais processos são efeitos do estranhamento que desconstruem certos modos de habitar as coisas e o mundo, abrindo-nos às novas formas interativas de aprendizagem.

Precisamos produzir singularização, é justamente nesse processo que conseguirmos nos envergar para uma criação. Criando os próprios tipos de referências práticas e técnicas, não necessariamente dentro das relações sociais, mas também como nos relacionamos com a música, os objetos, as coisas dispostas no entorno, gerando percepções e sensibilidades totalmente novas.

Pensemos dessa maneira nas micro-relações: essas construções individuais proporcionam resistência dentro dos sistemas de servidão maquínica (LAZZARATO, 2014)³, dos quais vivemos.

A casa é como uma imagem objeto da nossa experiência existencial. Como Pallasmaa (2013) resume a casa é “nosso ser-no-mundo” refletido por vezes num porta retrato amarelado, num livro da Clarice ou numa floreira qualquer.

Para observa-la num todo precisamos desacelerar até sentir o movimento do vento nos galhos. Cada casa é o que resiste de cada habitante, pode não fazer sentido para outros visitantes, pois ali são as experiências materializadas e singular de quem as vive. A arquitetura assim como essas artes se faz na fronteira entre o “eu” e o “mundo”.

Contudo a arquitetura do lar/abrigo é a defesa da autenticidade da vida, da resistência no tempo, da nossa experiência. Essas pessoas e essas casas refletem a importância da nossa subjetividade nos dias atuais, da nossa singularidade, hoje presenciamos o idêntico, a exarcebação das imagens e não mais damos visibilidade as micro-existências/resistências desses seres.

³ Corresponde a um processo de subjetivação no qual o indivíduo passa a ser uma engrenagem, um componente de um sistema. (LAZZARATO, 2014).

VELHA CHÁCARA

A casa era por aqui...
Onde? Procuo-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.
Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinqüenta anos.)
Tantos que a morte levou! (E a vida... nos desenganos...)
A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...
- Mas o menino ainda existe.
(Manuel Bandeira, *Lira dos cinquent'anos*)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que se dermos sentido ao espaço que habitamos tanto no privativo (casa) como no coletivo (cidade), somos capazes de gerar singularidades, produzir subjetividades e exteriorizar nosso *eu-no-mundo*. Destacamos então que se experienciarmos os espaços e desaceleramos nosso tempo de observação somos capazes de gerar múltiplas dimensões do aprender, ou seja, quando isso ocorre produzimos movimentos; novas maneiras de pensar, ver/ouvir e de sentir. Nesse instante, a convivência, o corpo, o espaço, o signo emitido, o poder de afetar e ser afetado faz com que nossa potência seja elevada a tal modo que sejamos capazes de criar.

A construção desse artigo é a tentativa de compreender como o espaço e as obras arquitetônicas dialogam e são capazes de produzir subjetividades individuais e coletivas quando não são vistas mais como repetição do cotidiano que automaticamente repete os signos já codificados pela crença ou tradição. Ao contrário, aqui, todo pensamento da criação ou da invenção torna-se mobilizado pelo acaso, pelo imponderável e imprevisível encontro entre os signos que são capazes de ativar a produção do novo.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, M. *Lira dos cinquent'anos*. Global, 2013.
- DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. São Paulo: Ática, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação – Histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Helsinque: Edições Sesc São Paulo, 2014.

QUINTANA, M. **Para Viver com poesia**. São Paulo: Globo, 2008.

PALLASMAA, J. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PALLASMAA, J. **Habitar**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda, 2018.

Submissão: 23/03/2019

Aceito: 01/05/2019

